

## Reflexão

### Quebrando o preconceito da velhice. Estereótipos, mitos e preconceitos no envelhecimento



*Regislaine Leoncio Pereira*

*Ruth G. C. Lopes*

## Introdução

Um dos meus passatempos preferidos em família é acompanhar meus filhos ao cinema para assistir filmes de animação. Foi dessa maneira que fui apresentada à série do filme "A Era do Gelo", uma das preferidas deles e, agora, também minha.

Entretanto, o quarto filme da série (2012) me despertou especial interesse. Além de dar continuidade à história da divisão dos continentes de modo lúdico no personagem do esquilo Scrat e a amizade entre Mene (Mamute), Diego (Tigre) e Sid, o filme "A Era do Gelo 4" retrata ainda o conflito de gerações, na relação entre os mamutes Amora (a filha adolescente), e Mene (o pai); e completa a obra com a chegada da excêntrica família do Sid ao bando em suas peripécias para se livrarem da vovó preguiça.

Neste artigo, destacarei o lugar da personagem "Vovó" na relação familiar e os estereótipos atribuídos à velhice. Através de itens por mim denominados Cenas, procuro relatar esta animação em subdivisões que serão refletidas a partir do texto "Avidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações" de Goldfarb e Lopes (2006).

Nota-se que no filme, o personagem do Sid (neto) é representado por um bicho preguiça desastrado, distraído, bem-humorado, sonhador, ingênuo e otimista, estereótipos que geralmente se atribui à adolescência. Já a personagem da vovó é marcada por uma preguiça confusa, corcunda, desdentada, desaforada e que faz uso de bengala, reforçando estereótipos frequentemente presentes no imaginário popular, que pensa a velhice como sinônimo de decrepitude.

Percebemos que às representações que o filme atribuí a velhice (vovó) e a juventude (Sid) não são distantes das que encontramos no cotidiano. Veja o que dizem Goldfarb e Lopes (2006, p.10):

Na imagem social dominante há uma homologação entre limitações e incapacidades, propiciadora de preconceitos nos quais a família se apoia para marginalizar o velho, ainda que com as melhores intenções. Preconceitos e contradições são gerados dentro da família, desde a infância.

### Cena 1 - "A Vovó é um peso morto"



O quarto episódio da Era do Gelo, tem início com a chegada da família do Sid ao bando para uma visita inesperada e tendenciosa ao filho que por eles, há muito já havia sido abandonado. Eles chegam no veículo da família, no qual a vovó é conduzida "amarrada" em um tronco de árvore, e chamando por Preciosa. Ao ouvi-la, seu neto (irmão do Sid) comenta com os familiares que a

"velha" está chamando a mascote morta novamente. Na sequência, subitamente, a vovó é lançada para fora do carro sem que seus familiares dessem conta, e em meio a uma grande confusão chegam ao destino onde a vovó é "despejada". Esta cena pode ser traduzida na fala de Goldfarb e Lopes quando menciona:

A identificação da velhice com as ideias de passividade, doença e morte, faz que se sequestre a autonomia dos idosos e se promovam condutas e atitudes que acabam sendo incapacitantes. Assim, os preconceitos atuam como verdadeiras barreiras, impedindo a circulação afetiva com liberdade e reciprocidade, acabando por dificultar a comunicação. (GOLDFARB e LOPES, 2006, p. 10)

Ao encontrar Sid e seus amigos, seus familiares justificam a visita com o pretexto de ver o filho e trazer a vovó para que tivesse a oportunidade de estar com ela antes dela falecer, e reforçam o pretexto dizendo que a vovó estava "louca" para reencontrá-lo. Diante deste pronunciamento, a vovó contesta dizendo que ainda irá enterrá-los e dançará sobre suas covas.

Na tentativa de livrar-se da idosa, o pai do Sid o convence a levar a vovó para uma "sonequinha" em seus aposentos. Empolgado com o reencontro, Sid acolhe a vovó e se dispõe a compartilhar com ela suas vivências durante o tempo que não estiveram juntos. Em resposta a intenção do neto, a vovó preguiça diz que "não está nem aí" para o que ele tem a dizer, parecendo não corresponder aos sentimentos do neto. Fica evidente em cena a figura de uma avó rude e de um neto afetuoso.

Os estereótipos que se apresentam até aqui referente à vovó, correspondem aos de uma idosa demente, birrenta, rude, e que não tem outra coisa para fazer senão dormir. Percebe-se que seus parentes a consideram um fardo e estão ansiosos para se livrar dela. A este respeito nos apoiamos em Goldfarb e Lopes quando citam Mata (2003, p.13):

A propósito deste tema, Mata (2003) cita várias barreiras a serem vencidas para conseguir uma "comunicação efetiva". A primeira é constituída pelas "ideias preconcebidas" sobre velhice e envelhecimento, especialmente as que dizem respeito à rigidez e à teimosia. Outra é a "culpa" baseada em conflitos antigos, podendo ser reativada sob a forma de superproteção que não raramente, encobre uma agressividade latente. A "falta de liberdade para expressar emoções" que vamos ganhando com os anos, já desde a vida adulta, constitui também barreira que limita as inter-relações possíveis no seio de uma família.

Enquanto Sid se retira com a vovó, seus familiares se apressam para "dar o fora", comemorando o fato de terem se livrado da "coroa maluca" e afirmando que a idosa era "um peso morto". Em sua despedida alertam os amigos de Sid para o fato de que a vovó gosta de "sanguinhas", referindo-se à libido da idosa. Esta perda de lugar que a idosa experimenta na família, encontro eco na afirmação de Goldfarb e Lopes (2006) de que perda dos referenciais apoiados nos antepassados transforma o valor das gerações. Os mais velhos "já não servem mais para nada" e para os mais jovens sobra toda a responsabilidade pelo futuro.

### Cena 2 - "Esta é a minha família"



Ao retornar para o encontro com seus familiares, Sid se dá conta de que fora enganado, ele e seus amigos compreendem que a visita tinha uma única intenção, se livrar da vovó assim como se livraram dele. Sid se questiona: "Que tipo de família abandonaria sua idosa?" E conclui com pesar: "Esta é a minha família". Talvez Sid tivesse a expectativa que sua família correspondesse a função citada por Goldfarb e Lopes (2006, p. 7):

Na nossa cultura a função de transmissão psíquica é preferencialmente exercida pela família. Ela garante a primeira transmissão intersubjetiva, ou seja, um espaço de intercâmbio e investimentos narcísicos ao fomentar os vínculos e, ao mesmo tempo, promover a separação e individuação para que cada história de vida seja uma história singular, porém, inserida na cultura da comunidade.

Com a partida dos familiares, a vovó preguiça passou a ser cuidada pelo neto sendo integrada ao bando. Nota-se que o papel do Sid como cuidador de sua avó é uma tendência crescente na contemporaneidade. Segundo Goldfarb e Lopes (2006, p. 7):

É habitual nos dias de hoje, compartilhar a vida adulta dos netos, criando modalidades vinculares de solidariedade mútua, onde frequentemente estes se transformam em seus cuidadores e/ou exercem função mediadora quando existem conflitos com a geração do meio.

Mas Sid não ficou só nesta tarefa, recebeu o apoio dos amigos para cuidar de sua avó, rapidamente Mene e Diego se adaptaram a dividir a responsabilidade do cuidado com o amigo. É interessante pensar que neste arranjo, a vovó preguiça foi inserida em um novo modelo de família. Neste sentido, Goldfarb e Lopes (2006, p.18) diz:

Devemos também considerar que, em vista dos múltiplos novos arranjos possíveis na contemporaneidade, a família cuidadora não é sempre a consanguínea.

### **Cena 3 – Fugindo da realidade**

Sid e seus amigos enfrentam um desastre natural que coloca a existência do bando em risco. Em meio a esta catástrofe, a vovó aparece dormindo, o que causa espanto em Mene. Quando a tempestade acalma, a vovó se joga ao mar e agradece ao neto por preparar-lhe o banho. A vovó descrita nesta cena aparece totalmente alheia à realidade, diz aos amigos que não toma banho há décadas, reproduzindo o imaginário de que o velho não gosta de tomar banho.

Enquanto a vovó desfruta do banho ao mar, o neto se desespera com a possibilidade da avó se afogar e os amigos se depararem com as dificuldades em lidar com a idosa, e passam a arrazoar sobre a longevidade das preguiças e concluem dizendo que as preguiças resmungonas vivem mais; demonstrando a preocupação com o tempo que ainda teriam pela frente com os desafios em conviver com a idosa. Goldfarb e Lopes (2006, p.16), talvez pudessem dar uma pista ao bando através da citação abaixo:

A convivência intergeracional será facilitada se os aspectos positivos dos vínculos forem privilegiados: compreendendo a situação familiar e a falta de redes de apoio social; tentando sempre vencer os preconceitos mútuos; minorando a ideia de "encargo" que pode ser substituída pela de "patrimônio"; aprimorando a noção de cuidado, incluindo a reciprocidade e a solidariedade.

### **Cena 4 – Desvarios ou fuga da realidade?**

Em alto mar, a vovó continua a chamar pela Preciosa. Você deve estar se perguntando: Quem é Preciosa? Foi exatamente com este suspense que o filme conduziu a incógnita e que mais adiante será revelada neste estudo. Os amigos também acreditam tratar-se de uma alucinação ou doidice, mas em nenhum momento procuraram entender quem era a Preciosa e o porquê desta evocação inflexível. Para eles talvez fosse mais ajuizado ceder ao mito que na velhice é comum este estado de insanidade. Geralmente os desvarios são

considerados como fenômeno natural da velhice, e com base na citação abaixo, podemos entender que se trata de preconceito.

O desconhecimento colabora para a construção dos mais terríveis preconceitos. A demência carrega o mesmo destino das doenças mentais: é marginalizada e motivo de vergonha... Pior ainda quando se atribui ao doente a designação de "velho esclerosado", como se a perda de memória fosse uma questão inerente a idade avançada. (GOLDFARB e LOPES, 2006, p.19)

Ao ser capturado por um navio de piratas, o bando se amedronta, mas a vovó demonstra não reconhecer o conflito e os riscos que estava exposta nas mãos do bando inimigo, pelo contrário, se diverte ao ver com simpatia o vilão e entende a captura como um período de férias maravilhoso. Apesar da ênfase que o filme atribui aos desvarios da vovó, não deixa de mostrar algumas situações que identifica seu estado de perfeita lucidez, oferecendo ao público que o assiste, a dúvida quanto a real condição cognitiva da idosa. No diálogo entre avó e o neto, Sid questiona a idosa o porquê de ambos terem sido abandonados por sua família. A vovó responde com absoluta lucidez, que o motivo do abandono era o fato dos familiares acreditarem que ambos eram desastrados, que não fazem nada direito.

### Cena 5 – Tal avó, tal neto



Ao tentar se livrarem dos inimigos, o bando distribui tarefas a cada um de seus membros, inclusive a vovó, que desempenha suas atribuições corretamente ao lado do neto, até o momento que se distrai, assim como ocorre com o Sid. Em diversos momentos, o filme aponta para as similaridades entre à Avó e o Neto, o que nos faz pensar na herança cultural citada por Goldfarb e Lopes (2006, p.

14): "Os avôs, ainda que ausentes, podem ter marcado ideais, colaborado na montagem de representações sobre a vida, a morte, a sexualidade, o trabalho, etc."

Finalmente o bando consegue fugir do cativoiro, e em fuga, a vovó revela estar consciente da realidade, apesar da cena anterior fica a impressão equivocada dos fatos. Dirige-se ao vilão como inimigo, reconhece que estão em fuga e que tomaram posse do navio do adversário.

### **Cena 6 – Desfazendo estereótipos**

Nesta cena o filme rompe com os estereótipos, a princípio mostra uma idosa divertida que sugere aos amigos empurrar Sid do navio e dizer que foi acidente, e se anima com a ilusão de um bicho preguiça "saradão". Na sequência, a vovó aparece jogando frutas para sua amiga "Imaginária" (Preciosa) e chamando por ela, novamente Sid e seus amigos julgam se tratar de mais uma fantasia da idosa e é neste momento que o filme revela a astúcia da idosa, sua artimanha para enfrentar os percalços da vida, especialmente os que lhe sobrevêm na velhice. A vovó dirige sua fala à Preciosa dizendo: "Preciosa, ignore eles, é assim que eu faço, ignoro".

Os familiares muitas vezes atribuem estas condutas a má vontade ou distrações, enquanto o paciente, que também percebe as próprias deficiências, se angustia profundamente. Pode deprimir-se ou irritar-se, brigar ou ficar submisso, porém terá algum tipo de reação que nos falará de sua impotência, de sua dor. Instala-se um clima de angústia, irritabilidade e agressividade. (GOLDFARB e LOPES, 2006, p 19)

Na obra "O Mal-estar da Cultura" (FREUD, 1929, p. 86), citado por Goldfarb e Lopes (2006, p.6), vemos que:

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadora e impiedosas; e finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro.

Enquanto isto, os amigos do Sid debatem sobre as dificuldades em cuidar da idosa. Mene: - "Não dá para tirar os olhos da vovó um minuto". Diego – "É como ter filhos, só que sem as alegrias".



Essas são questões que se assemelham as que ouvimos dos cuidadores e que traz angústia e ansiedade frente ao desafio de lidar com o desconhecido, questões estas que neste estudo não nos cabe aprofundar.

Enquanto se distraíam falando a respeito da vovó, se desapercebendo do rumo do navio, ela aparece alerta chamando a atenção do bando para um provável acidente e, em seguida, se compadece com a dor do amigo Mene ao imaginar que perdera sua família na tempestade. A tristeza momentânea do bando termina ao certificar-se que a filha do Mene estava viva, mas refém do bando do pirata que os perseguiam.

O confronto entre os bandos é retomado e o bando do Sid fica em apuros, a vovó não vê outra saída a não ser chamar por uma amiga. Neste momento, surpreendentemente, surge uma baleia gigante atendendo ao chamado da vovó para salvar seus amigos, era a Preciosa.

Finalmente, o filme revela que Preciosa não era uma fantasia da vovó, mas uma realidade que só pertencia a ela, agora, compartilhada com o bando. Surpreso com o aparecimento da Preciosa, Sid diz: "Vai ver que a coroa não é tão maluca assim", desconstruindo o imaginário das cenas anteriores que apontavam para uma vovó "esclerosada".

Uma nova representação da vovó entra em cena, agora a idosa tinha o controle da situação, dirigia a baleia sob seus comandos para a missão de salvar os amigos. Neste cenário ela declara: "Quem falou que coroas não podem dirigir?" O bando do Sid enfim sai vitorioso da batalha contra o inimigo, e ele e sua avó são festejados pelos amigos que reconhecem suas qualidades e a contribuição de ambos ao grupo.

Vovó faz piadas com os amigos, se despede da baleia Preciosa demonstrando grande afeto pela amiga. Por fim, ela faz uma revelação ao neto Sid que reforça o dito por Goldfarb e Lopes (2006, p.8):

Ao mesmo tempo em que assistimos à desintegração de um ideal de família sustentado durante 200 anos, observamos o aparecimento de outras formações sociais baseadas em laços de afinidade e não de parentesco.

Encontramos também um provérbio que atesta esta possibilidade de relação familiar não consanguínea: "Há amigo mais chegado do que um irmão". O filme encerra com a declaração da Vovó ao Sid: "Você arrumou uma boa família aqui, família de verdade", família esta que agora ela também faz parte.

### **Considerações Finais**

O tema Família permeia toda a narração do filme através da relação conflitante entre Amora (a filha adolescente) e Mene (o pai), entre a família não consanguínea formada pelos amigos e seus agregados e a que nos trouxe a reflexão, a família do Sid.

Ao retratar o conflito entre pai e filha, o filme nos leva a pensar nas relações cotidianas que se estabelecem no seio da família, um pai ávido por proteger sua cria e a adolescente ansiosa pela conquista da autonomia.

A família: Amora cresceu e já é adolescente, época em que os atritos com os pais se tornam mais recorrentes. A jovem quer mais liberdade, o pai busca protegê-la dos perigos da vida. Você com certeza já viu isto antes, mas não aplicado a uma família de mamutes. (RUSSO, 2016, s/p)

Ao remeter-se a família composta pelos amigos, a história nos leva a pensar nos atuais modelos de família que não dependem de vínculos consanguíneos para desenvolverem laços afetivos e solidariedade recíproca.

A mensagem sempre foi muito bonita, que é a família é a coisa mais importante. E não importa se é sua família biológica ou não. É o que você faz da família que conta. Se todos nós ficarmos juntos, independentemente de onde viemos, podemos fazer deste planeta um lugar melhor e salvá-lo. LEGUIZAMO, L (2012, s/p)<sup>1</sup>

Todavia neste estudo, optamos por destacar a família a partir das relações que se estabelecem em torno da velhice e que mais se aproxima da Gerontologia. Inicialmente apontamos a negligência e o abandono da família consanguínea do Sid em seu trato à 'vovó preguiça', realidade que se aproxima, de maneira crescente em nosso cotidiano, do despreparo da família para lidar com a velhice. Infelizmente, e é comum identificarmos, nos dias de hoje, idosos em situação de abandono familiar necessitando de acolhimento por instituições de cuidado.

Na sequência, vimos a relação de cuidados à 'vovó preguiça' dispensada pelo seu neto e pela família não consanguínea, composta por Sid e seus amigos. Neste sentido, o filme "A Era do Gelo 4" nos aponta para outras possibilidades de acolhimento ao idoso que transpõe as fronteiras do cuidado pela família

<sup>1</sup> Leguizamo, L. - ator interprete da voz do Sid.

e/ou por instituições. Consideramos importante as contribuições deste e outros filmes e animações já produzidas, que apresentam a temática da "velhice" para o público infantil, mas que serve também para os adultos, como fica claro nesta reflexão.

## Referências

ERA DO GELO 4 (filme). Direção: Steve Martino; Mike Thurmeier. Produção: Blue Sky Studios. EUA: Continental Drift, 2012. Distribuidor Fox Film do Brasil.

GOLDFARB, C.D; LOPES, R. G. Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações. In FREITAS, E; L., PY; NERI, A. (Org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (2ª Ed). Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006. cap. 147, p. 1375-1381.

RUSSO, F. *Crítica*. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-181059/criticas-adorocinema> - Acesso em: 19 nov. 16.

LEGUIZANO, J. *Entrevista*.

Disponível em <<http://www.mamalatinatips.com/2012/07/an-interview-with-the-incomparable-john-leguizamo-ice-ages-sid-the-sloth.html> - Acesso em: 21 nov. 16.

*Data de recebimento: 18/01/2017; Data de aceite: 22/03/2017*

---

**Regislaine Leoncio Pereira** – Assistente Social (CERESI), Mestranda em Gerontologia (PUCSP). E-mail [regis\\_lepe@hotmail.com](mailto:regis_lepe@hotmail.com)

**Ruth Gelehrter da Costa Lopes** - Doutora em Saúde Pública-USP. Psicóloga. Docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) no Programa de Estudos Pós-graduados em Gerontologia, Curso de Psicologia e Supervisora na Clínica-escola "Ana Maria Poppovic". Coordenadora do grupo de pesquisa certificado pelo CNPq: Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento-NEPE. Membro da Red Iberoamericana de Psicogerontologia (Redip). E-mail: [ruthgclopes@pucsp.br](mailto:ruthgclopes@pucsp.br)